



Curiar: 5 anos de resistências do escritório modelo

Curiar: 5 años de resistencias de la oficina modelo

*Ana Clara Oliveira de Araújo¹, UFBA,
clara.oliveiradearaujo@gmail.com.*

*Mariana Ribeiro Pardo², UFBA,
marianarpardo_@hotmail.com.*

¹ Graduanda em Arquitetura e Urbanismo, Curiar – Escritório Modelo de Arquitetura e Urbanismo

² Graduanda em Arquitetura e Urbanismo, Curiar – Escritório Modelo de Arquitetura e Urbanismo

RESUMO

A proposta de atuação do Curiar – Escritório Modelo de Arquitetura e Urbanismo –, tem como objetivo promover a extensão do conhecimento adquirido na universidade, como também assumir um compromisso com a realidade social que envolve os estudantes. Para isso, os projetos apresentados pelos escritórios modelo buscam atender comunidades que não possuem acesso ao profissional da área, suscitando a troca de saberes e semeando a importância da coletividade. O Curiar, dentro do ambiente acadêmico da UFBA, assim como nas comunidades ou grupos sociais com que manteve atividades, enfrentou e ainda enfrenta resistências como projeto de extensão universitária. Cabe aqui dizer, que esses obstáculos são produto do desconhecimento, ou desinteresse, da universidade, acerca do trabalho realizado pelo escritório modelo. Soma-se a isso as dificuldades em termos de reconhecimento, suporte teórico, falta de financiamento e estranhamento em relação à autonomia outorgada aos estudantes. Nas comunidades, é possível acrescentar que, existem algumas barreiras no trabalho do escritório modelo: a ausência ou ineficiência de lideranças, a baixa assistência de moradores nas ações e a falta de uma visão coletiva de direito à cidade. Apesar dos pontos apresentados, é importante colocar que, mesmo com essas oposições, ele resiste e continuará, pela persistência de pessoas que acreditam nesse projeto.

Palavras Chave: Curiar, escritório modelo, extensão universitária, comunidades, coletividade.

RESUMEN

La propuesta de actuación del Curiar – Oficina Modelo de Arquitectura y Urbanismo –, tiene como objetivo fomentar la dilatación del conocimiento adquirido en la universidad, como también asumir un compromiso con la realidad social que involucra los estudiantes. Para eso, los proyectos presentados por las oficinas modelo buscan atender a comunidades que no poseen acceso al profesional del área, evocando el cambio de conocimientos y cultivando la importancia de la colectividad. El Curiar, en el ambiente académico de la UFBA, así como en las comunidades o grupos sociales con los que mantuvo actividades, enfrentó y todavía enfrenta resistencias como proyecto de extensión universitaria. Debe decir aquí, que esos obstáculos son producto de un desconocimiento, o desinterés, de la universidad, acerca del trabajo cumplido por la oficina modelo. Añadise a eso las dificultades en términos de reconocimiento, soporte técnico, la falta de fondos y el alejamiento con relación a la autonomía concedida a los estudiantes. En las comunidades, es posible añadir que, hay algunas barreras al trabajo de la oficina modelo: la ausencia o ineficacia de liderazgo, la baja asistencia de la población en las acciones y la falta de una visión colectiva de derecho a la ciudad. A pesar de los puntos presentados, es importante poner que, mismo con esas oposiciones, él resiste y continuará, por la persistencia de personas que creen en ese proyecto.

Palabras Clave: Curiar, oficina modelo, extensión universitaria, comunidades, colectividad.

O CONTEXTO DE INSERÇÃO DOS ESCRITÓRIOS MODELO

A figura do escritório modelo surge no Brasil após o processo de redemocratização do país, que esteve submerso no regime militar entre 1964-1985. Se, por um lado, durante a ditadura, a educação foi controlada e limitada pelo Estado, o momento que a seguiu representou o fim das conformidades e o empenho por uma universidade de qualidade, que pudesse atender não somente o ambiente acadêmico, mas também à sociedade que a englobava. Esse período, datado do final dos anos 1980 e começo dos anos 1990, é marcado pela retomada das discussões sobre o ensino nas universidades, bem como sobre as extensões dessas atividades. O EMAU – Escritório Modelo de Arquitetura e Urbanismo - apresenta-se como um caminho potencial para o fortalecimento desse projeto, tendo como alguns de seus pilares, a liberdade de idealização e compromisso com a realidade social brasileira³.

Os trabalhos desenvolvidos nos EMAUs estão inseridos no contexto da extensão universitária, que compõe, junto com o ensino e a pesquisa, a tríade básica para um ensino de qualidade. Apesar de ser plenamente inserida na extensão, por conta de seu caráter social e do princípio de permuta de conhecimentos com as comunidades, é inevitável dissociá-la do ensino e da pesquisa. Do ensino porque emprega-se o conhecimento adquirido na academia, e, além disso, estando constantemente em contato com o contexto externo, aprende-se a partir do conteúdo empírico dos grupos sociais envolvidos. Da pesquisa pois é indispensável buscar fontes, as quais sirvam de embasamento para as produções a serem efetivadas em suas atividades. Pode-se inferir, portanto, que essas subdivisões convergem para uma unidade, e precisam estar em comunicação constante para permitir o pleno cumprimento de suas funções.

A proposta do escritório modelo diferencia-se de outras ações, realizadas na universidade, por ser de iniciativa e gestão dos estudantes, e por colocá-los como sujeitos das práticas em que estão inseridos. É claro que esse protagonismo é dividido com os grupos externos envolvidos nos projetos, porque se preza um trabalho coletivo e horizontal, com permanente troca de informações e entendimento de suas atividades. Ainda que se tenha a presença do professor, como orientador e responsável, técnico e legal, pelas atuações efetuadas, é importante considerar que esse suporte não deve superar, e sim dialogar com os estudantes. Dessa forma, o corpo discente pode alçar-se para além da passividade educativa e entender-se como corresponsável pela aquisição dos conhecimentos externos a sala de aula, que estão acessíveis a todos que estejam interessados.

É importante considerar também que os escritórios modelos estão inseridos no sistema de atividades de assessoria técnica, tendo como suporte a comunicação, o entendimento mútuo e a ausência de opressões ou imposições por qualquer um dos lados. Os moradores das comunidades são também agentes de transformação, são ouvidos e ouvintes, e têm seu conhecimento tão valorizado quanto aquele trazido pela universidade. Um dos objetivos dessas associações é colocá-los como atores e autores de suas próprias mudanças, estimulando a apropriação do modelo, para que eles mesmos possam se auto sustentar após as intervenções. Esse tipo de conduta diferencia-se muito do assistencialismo, cuja prática exercida é a da extensão unilateral. Nela há um depósito

³ Informações que podem ser acedidas no POEMA – Projeto de Orientação à Escritórios Modelo de Arquitetura e Urbanismo.

de conhecimentos por parte dos técnicos nas comunidades, que recebem passivamente os conteúdos apresentados e, portanto, não se apropriam do produto gerado. Serão eternos reféns da academia.

O lugar social ocupado pelos EMAUs é aquele que foi deixado livre pelo mercado profissional, muitas vezes voltado à elite, que não abrange comunidades menos favorecidas. A ideia de atuação tem como caráter a complementação das atividades de arquitetura e urbanismo, não competindo com os trabalhos pós-acadêmicos porque o consumidor é diferenciado. Segundo dados do Igeo⁴ de 2016, há na Bahia 3205 profissionais acreditados para uma população de 15.276.566 pessoas. Isso significa que nesse estado há um (1) arquiteto para cada grupo de 4766 habitantes. Essas informações contribuem para entender a carência de profissionais dessa área na sociedade, principalmente em espaços desfavorecidos ou ditos informais, que representam cerca de 80% das cidades brasileiras⁵.

Para entender as cidades informais, é preciso revivescer um pouco o passado, precisamente o momento histórico caracterizado pela introdução (ou talvez expansão) da industrialização no país. Esse processo, datado dos anos 1960, apresenta uma dissensão entre os processos de urbanização, industrialização e trabalho assalariado formal. As mudanças no sistema de trabalho no Brasil, de um regime prioritariamente agrícola para outro fabril e, portanto, mais veloz, foi marcado por uma falta de planejamento que permitisse acolher toda a massa de trabalhadores existente. Somado a isso, a ocupação desordenada das cidades, cujas redes de serviços básicos eram incapazes de acompanhar o crescimento dos centros urbanos. Dessa forma, temos em curso o estabelecimento de um mercado marginal de trabalhadores e de moradias, necessário para minorar a miséria absoluta e sobreviver a um sistema econômico excludente (SILVA, 2011).

O processo de industrialização está inserido no contexto de modernização do país e da sociedade, uma busca pela aproximação com o modelo de cidades e de economias de primeiro mundo. Como resultado, o fortalecimento de processos sociais que continuam a segregar e excluir parte da população. As reformas urbanas implementadas atendem a uma elite que pode e quer se distanciar da pobreza, mas que, ao mesmo tempo, a utiliza como degrau para sua estatização no topo da pirâmide social. Assim, temos um número crescente de marginalizados, cujas vidas representam o oposto à racionalização e modernização das demais camadas. É nesse contexto que identificamos a emergência de comunidades e conjuntos populares, consequências das ocupações dos terrenos vazios da cidade, cujas periferias mantêm uma relação conectiva com a dita cidade formal (JACQUES, 2001).

E é então, a partir desse ponto conector, que se estabelecem as relações entre os escritórios modelos e comunidades ou grupos sociais adjacentes. Esse vínculo, que une e, ao mesmo tempo, segrega realidades distintas, é polo disseminador de debates, estudos e projetos que buscam fortalecer o sentido coletivo dos espaços da cidade. Esse é também um espaço de confronto entre propostas urbanas distintas e baseadas nos demais determinantes de seus usuários. Aqui se fala de dois tipos de urbanismos coexistentes em uma mesma área: um espontâneo e associado às necessidades mínimas das populações marginalizadas (entende-se aqui marginalizadas em relação à cidade formal), e um outro urbanismo dito projetual, que é intencional e produto de ações fabricadas por aqueles que são detentores do poder político e econômico.

⁴ Sistema de Inteligência Geográfica do CAU – Conselho de Arquitetos e Urbanistas.

⁵ Dado retirado do POEMA.

O escritório modelo atua nesses espaços, decorrentes da produção espontânea de urbanização, sem ferir as estéticas populares ali implementadas, mas buscando garantir condições de permanências nesses locais. Para tornar claro, a partir do diálogo estabelecido e instigado por esses grupos sociais, denominados informais, junto à universidade, são estabelecidas linhas de trabalho pela melhoria desses lugares. É importante salientar, que as atividades desenvolvidas pelos EMAUs destinam-se ao coletivo, em detrimento de ações isoladas e pouco efetivas, portanto, o alcance de seus projetos é superlativo e beneficia um maior número de pessoas. Aqui se valoriza a arquitetura enquanto processo, que permite uma apropriação do conhecimento por parte das comunidades atendidas e sua posterior sustentabilidade.

CURIAR: O ESCRITÓRIO MODELO DA UFBA

As atividades do Curiar, o EMAU da Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal da Bahia (UFBA), tiveram início em novembro de 2011, a partir da iniciativa de um grupo de estudantes. Influenciados por uma atividade da disciplina Atelier 3, que desenvolvia um projeto urbanístico, com fins didáticos, em zonas irregulares da cidade de Salvador, surgiu a ideia de produzir ações em regiões desfavorecidas da capital baiana. Sendo essa proposta incluída nos princípios dos escritórios modelo, logo ela ganhou forma. Para nomear o EMAU, decidiu-se por um nome ligado à cultura baiana. O termo Curiar vem do verbo do vocabulário popular baiano, que significa “estar curioso” e está relacionado com o primeiro estímulo à experimentação: a curiosidade.

As ações desempenhadas pelo Curiar, dentro e fora do escritório, são coordenadas e efetivadas por seus membros, que se dividem em ativos e flutuantes. Os membros ativos, denominados *curiandos*, assumem efetivamente uma responsabilidade na estrutura do escritório, realizando demandas internas e externas. Os membros flutuantes, chamados *curiosos*, também participam das atividades, comparecem às reuniões, que são abertas a todos os interessados, e opinam com ideias e sugestões. É importante lembrar que o escritório tem um caráter horizontal em seus exercícios e na tomada de decisões, garantindo portanto a comunicação entre suas partes e uma gestão democrática do projeto.

Em relação ao desenvolvimento de suas atividades, é necessário certificar que o Curiar é um projeto organizado e, portanto, tem suas funções divididas de maneira equilibrada entre seus membros. Para essa manutenção, são criados grupos de trabalho (GTs), que são autônomos e próprios a cada demanda atendida. Essa divisão visa seguir a dois núcleos disseminadores de ações, um interno e outro externo. O núcleo interno é relacionado a funções burocráticas, como organização do escritório, de seus arquivos e materiais, recursos humanos, estrutura de seus membros e controle do exercício de suas atividades, e financeiro, formas de angariar e distribuir recursos. Ao núcleo externo conectam-se atribuições relativas a comunicação, com a universidade, as comunidades atendidas e a sociedade, como também a eventos, dentro e fora do ambiente acadêmico.

As demandas atendidas pelo Curiar possuem um caráter educativo e processual, permitindo a extensão dos conhecimentos adquiridos no ensino, e sua posterior comunicação com os espaços contemplados. Essas ações são articuladas através do contato com associações de moradores ou grupos minimamente organizados, para que possa ser garantida a construção coletiva dessas atividades. São essas comunidades que procuram e solicitam a atuação do escritório modelo, e utilizam a faculdade de arquitetura como vínculo para essa comunicação. Foi assim, tendo a

academia como ponto disseminador, que se iniciaram as práticas do Curiar, atendendo em primeiro lugar à comunidades vizinhas.

A primeira demanda atendida foi encaminhada por um grupo de moradores da comunidade do Gantois, localizada no bairro da Federação (Salvador/Bahia), no entorno da faculdade de arquitetura. Nesse local coexiste, junto com as demais edificações, o terreiro de candomblé de Mãe Menininha do Gantois, cujas atividades enfrentavam uma possibilidade de descaracterização. O crescimento desordenado e vertical das construções adjacentes, em velocidade acelerada, constituiu-se em um conflito entre os membros do terreiro e as populações vizinhas. Assim, entraram em contato com o Curiar para estabelecer um diálogo mais eficiente entre esses dois grupos. A partir desse contato e das apreensões de espaço feitas pelos estudantes, pensou-se, junto aos moradores, uma proposta de plano participativo de melhorias para o local.

No Gantois, durante um processo que durou mais de quatro anos, foram realizadas oficinas e intervenções paralelamente ao levantamento histórico e social da comunidade. Esse material foi reunido e organizado em um livro denominado “Gantois e entorno: apreensão, cartografias e ação”, ainda sem publicação. Essa pesquisa foi essencial para a identificação de pontos sensíveis na estrutura e manutenção urbana do plano de bairro pensado para o local. Em parceria com grupos de moradores, foram realizadas reuniões e atividades, em formatos de oficinas, que buscavam a capacitação para torna-los futuros agentes de transformação dos seus espaços. Esse projeto foi baseado na tríade da sustentabilidade (comunidade socialmente justa, ambientalmente equilibrada e economicamente viável) e nos preceitos de tombamento.

Também ao redor da faculdade de arquitetura, posteriormente, surgiu uma demanda para atuação na comunidade denominada Binóculo. O Curiar foi contatado por uma das lideranças para agir sobre uma situação impropria de descarte de resíduos, que ocasionavam um aspecto de sujeira no ambiente, além de mau cheiro. Como consequência de reuniões e ações no local, surgiu a possibilidade de dar mais ênfase para o trabalho desenvolvido no Binóculo a partir da proposta de um edital da pró-reitoria de extensão, conhecido posteriormente como “Projeto Binóculo Vizinhanças”. O mesmo processo de apreensão e compreensão do espaço, que já havia sido implementado no Gantois, foi efetuado nesse novo espaço. Como resultado das atividades desenvolvidas nessa área, apresentou-se também um livro, que acolhe os estudos e análises efetuadas, assim como o projeto desenvolvido em conjunto com a comunidade, além de um documentário.

Ao longo de seus cinco anos de atividades, cumpridos em novembro de 2016, o Curiar esteve presente, não apenas em comunidades vizinhas, como também, em ações de parceria com outros grupos ou coletivos urbanos. Além disso, os membros do escritório identificaram a necessidade de dar maior visibilidade aos trabalhos a partir de dinâmicas dentro do próprio espaço acadêmico e voltadas, principalmente, para os demais estudantes. São exemplos desta busca por visibilidade: conversas, debates, exposições de filmes e concurso de ideias. Ainda assim, é impossível não considerar os obstáculos a esse trabalho, que serão apresentadas nos próximos tópicos.

Resistências na Universidade

Resistir

1. Oferecer resistência, não ceder.

2. Opor-se, fazer face.
3. Fazer frente, defender-se.
5. Não sucumbir, sobreviver, subsistir.

(FERREIRA, 2010)

Cumpridos cinco anos de atividades pelo escritório modelo Curiar, é importante refletir sobre os processos aos quais ele esteve submetido em sua trajetória. Ainda que tenham sido possibilitados diversos caminhos na linha da educação universitária, principalmente no período compreendido entre 2003 e 2015⁶, devido a investimentos mais incisivos no ensino, pesquisa e extensão do ensino superior, é possível identificar uma dificuldade de concordância com o protagonismo dos estudantes de graduação nas atividades extraclases. Essa resistência pode ser sentida não apenas em professores, como também nos próprios discentes.

Por toda a extensão dos ciclos de participação no EMAU, é uma situação recorrente o receio na tomada de decisões e assumir funções por parte dos estudantes, tanto os que têm menos experiências, como aqueles que já fazem parte desse projeto de forma autônoma. É fundamental considerar que as demandas desenvolvidas dentro do Curiar nem sempre têm um prazo de conclusão definido, porque há muitos sujeitos envolvidos nesses processos. Por conta disso, como também por razão de estar acessível à entrada de novas pessoas a qualquer momento, muitos chegam no transcurso das ações e acabam levando um tempo considerável para compreenderem o que está sendo realizado pelo escritório naquele momento. Além disso, identificamos uma renitência em consequência da longevidade dos projetos. Muitos estudantes buscam uma atividade complementar que tenha uma duração definida.

Aberto a estudantes de todas as áreas da graduação, conforme consta na Carta de Princípios dos EMAUs⁷, que defende um trabalho integrado e interdisciplinar, o Curiar sempre buscou divulgar suas atividades para toda a comunidade da UFBA, como também externa à ela. Embora tenha recebido contribuições valiosas de estudantes de áreas como Geografia e Serviço Social, ainda não conseguiu estabelecer uma fórmula, para manter a atração desses outros campos. Na própria área da Arquitetura e Urbanismo, poucos são aqueles que sabem ou entendem as funções de um escritório modelo.

Na Faculdade de Arquitetura da UFBA, é legítimo citar, que tanto a localização física do EMAU, em uma sala sem conexão direta com os demais espaços do campus, bem como a falta de informações por parte dos usuários desse ambiente, não contribuem para que as pessoas tenham conhecimento de uma atividade tão importante que coexiste com elas. Em função disso, o Curiar sempre busca compartilhar com a comunidade acadêmica o conhecimento adquiridos nas suas demandas, por meio de atividades que dialogam e promovem o debate entre os estudantes, professores e funcionários, trazendo temas atuais e aqueles abordados pelo escritório modelo.

Uma outra crítica que pode ser levantada em relação à extensão universitária, dentro do contexto em que está inserido o Curiar, é em sua relação com o ensino. No currículo atual do curso de arquitetura e urbanismo na UFBA, poucas são as disciplinas que abordam temas referentes ao campo dos escritórios modelo. Podem ser citados entre eles, direito à cidade, reforma urbana,

⁶ O intervalo refere-se ao período dos governos do PT (Partido dos Trabalhadores).

⁷ A Carta de Princípios dos EMAUs está contida no POEMA.

gentrificação, especulação imobiliária, urbanismo informal. Na verdade, o que se constata é uma grade curricular mais inclinada à arquitetura, em detrimento do urbanismo. Com isso, é visível o número de estudantes que não se ocupam da lacuna deixada pela exclusão das disciplinas urbanas do âmbito do ensino.

Acompanhou também o Curiar, durante sua formação e posteriores trabalhos, uma dificuldade de aceitação do escritório modelo no ambiente em que ele está inserido. Deve-se a isso, na visão dos presentes membros, uma apreensão em relação à concorrência de recursos, visibilidade e áreas de atuação dentro do sistema da extensão universitária. É importante lembrar que essa atividade, proposta e administrada por estudantes, ocupa um espaço deixado livre pela arquitetura e urbanismo, com o objetivo de complementar esse campo, e não competir com ele. O Curiar acredita e valoriza ações que têm um compromisso com a realidade social que o envolve, promovendo, em suas atividades, a gestão participativa e a livre contribuição de todos os interessados.

EMAU	LABORATÓRIO DE EXTENSÃO	ESCRITÓRIO MODELO (EMAU)
Iniciativa de Implantação	Professor	Estudantes
Gestão/Administração de Recursos	Professor	Estudantes
Recursos financeiros	Universidade/Mercado privado	Universidade
Infraestrutura	Universidade	Universidade
Captação e escolha de projetos	Professor	Estudantes
Área de atuação	Qualquer projeto escolhido pelo professor coordenador	Comunidades excluídas e organizadas
Participação dos estudantes nos trabalhos	Seleção de estudantes feita por professores	Livre participação dos estudantes.

Tabela que ilustra a diferença entre laboratórios de extensão e escritórios modelo em termos de organização. Fonte: Reprodução da tabela constante na página 17 do POEMA.

No contexto da extensão universitária, principalmente em relação à disposição de recursos para suas atividades, o Curiar enfrenta mais uma resistência para a efetivação de suas ações. Os professores orientadores dos escritórios modelo são aqueles que têm autoridade e os meios para conseguirem bolsas de extensão, ajudas de custo na aquisição de materiais, ou realização e participação em eventos. Com isso, o projeto fica dependente de outros meios para a promoção de suas atuações. Além disso, há uma necessidade dos estudantes por recursos próprios, e a ausência de bolsas, muitas vezes, os obrigam a deixarem esse trabalho para se dedicarem a outros que tenham um auxílio econômico.

Uma questão, talvez mais urgente, é que a universidade se disponha a dialogar com o escritório modelo de maneira direta. Normalmente a comunicação com os órgãos é feita por meio eletrônico, através de e-mails, e isso acaba impondo uma barreira para as atividades e necessidades do Curiar. É importante defender uma mudança na forma de relacionamento entre essas duas entidades – o Curiar e a Universidade –, para que exista uma interrelação mais produtiva e eficaz.

É possível compreender, em parte, que todas as questões apresentadas, em referência aos obstáculos enfrentados dentro do ambiente da academia, resultam da ausência de familiaridade, da universidade e seus componentes, com relação a projetos como o dos escritórios modelos.

Apesar disso, o Curiar está aberto e disponível para qualquer diálogo, dúvida ou contribuição que possa surgir. Ele considera que a comunicação é o principal eixo de entendimento entre grupos com pensamentos distintos, e julga necessária a ampla divulgação de suas ações, para que todos possam construir juntos um espaço mais justo.

Resistências nas Comunidades

Resistência

1. Ato ou efeito de resistir.
2. Força que se opõe a outra, que não cede a outra.
5. Luta em defesa, defesa.

(FERREIRA, 2010)

Diante da proposição de trabalhar com comunidades marginalizadas⁸ é necessário levar em consideração uma série de problemáticas que surgem e colocam em risco o caráter assessorista e coletivo defendido pelos princípios dos escritórios modelo. Nesse ponto, é importante dizer que, embora esse projeto tenha a missão de lidar com realidades sociais contraditórias, é indispensável a realização de uma ação que possa ser apropriada e sustentada pelos grupos assessorados, tanto durante sua elaboração, quanto posteriormente. É reconhecido aqui o poder da autogestão como possibilidade de emancipação dos moradores e, portanto, uma superação das condições impostas por um organismo social excludente.

O trabalho autogestionado revela uma autonomia dos seus trabalhadores e uma forma de ação contra as opressões. Dessa forma, supera o papel de obstáculo à liberdade do proletariado, e passa a ser um elemento essencial ao trabalho coletivo pois, desde o início, conta com ampla participação e proposições. Imprescindível colocar neste lugar, que a figura do trabalhador coletivo não trai o trabalhador individual ao ficar a favor do capital, pois aqui não existe capital. Existe a construção coletiva de uma realidade libertária e que beneficia a cada um de acordo com o esforço empregado para a execução da obra (FERRO, 2015).

No histórico de atividades realizadas pelo Curiar, em parcerias com comunidades e outros grupos, foi possível identificar alguns pontos sensíveis para esse trabalho, questões que se colocam como fundamentais para a defesa de um projeto horizontal e contínuo em troca de informações. Pode ser citado um baixo número de assistências às ações promovidas nas comunidades, a exemplo de reuniões, oficinas e intervenções. Manter um diálogo constante, com uma quantidade razoável de moradores, é intrínseco aos objetivos das demandas, pois elas devem ser construídas de maneira participativa.

Uma possível causa, para a baixa assistência de moradores, está relacionada com a divergência na identificação de lideranças e o consequente reconhecimento delas por parte da comunidade. O Curiar já passou por experiências nas quais existiam líderes diversos, cada um com seus partidários

⁸ Marginalizadas em relação à dita cidade formal.

e pontos de vista, e, muitas vezes, antagonistas. Em outra situação, ocupar-se de um espaço no qual havia uma associação de moradores, que era desconhecida pela comunidade e, com isso, ineficiente para convidá-los aos encontros. Essas questões são debatidas dentro do escritório modelo, mesmo porque é necessária uma organização mínima das comunidades para a efetividade dos projetos.

Circunstâncias como as exemplificadas acima constituem-se em oposições à realização de um projeto participativo, no qual é essencial a presença de pessoas para decidir e tomar a frente nas ações necessárias. Essas ações correspondem à identificação de problemáticas a serem enfrentadas, desenho e gestão do projeto, arrecadação de fundos e materiais, e construção física do produto. Soma-se a isso, uma sensibilidade indispensável aos escritórios, para compreender as demandas levantadas pelo coletivo e a partir do olhar dos moradores. São eles que vivem e enfrentam os problemas ocasionados por um planejamento urbano seletivo.

Um tópico importante, em relação às dificuldades de estabelecer um projeto participativo nas comunidades, refere-se ao objeto pretendido. As atuações do escritório modelo não restringem-se à demandas individuais, relativas a uma pessoa ou um grupo pequeno delas. As ações visam o coletivo, não apenas no planejamento e execução dos projetos, como também nos beneficiários do trabalho. Por conta disso, bem como pela ausência de uma visão da cidade como um espaço de todos, percebe-se uma deserção de participantes.

É importante colocar, que aqui se discute o papel da extensão universitária, a compreensão e manutenção de que trabalhar com comunidades é sempre uma troca, e não uma simples entrega do conhecimento adquirido na universidade. Defende-se a desconstrução da lógica de que a extensão possui o entendimento e os saberes, e, em contato com os espaços em atividade, os deposita. Os escritórios modelo reconhecem e legitimam o conhecimento empírico, produto das experiências e vivências desses grupos sociais.

UM CAMINHO A SEGUIR

A realidade social do Brasil, baseada em um sistema político-econômico excludente, é tema de importantes discussões, essenciais para o entendimento da universidade como um ambiente público e voltado para todos. O núcleo que estabelece essa comunicação, entre a academia e a sociedade, é a extensão universitária, responsável pela troca de informações e pelo comprometimento com o desenvolvimento da comunidade em que está inserida. É nesse contexto que é apresentado a proposta do escritório modelo, que emancipa os estudantes e possibilita a melhoria da formação acadêmica.

O Curiar, nesse processo, apesar de já haver cumprido cinco anos de atividades, ainda enfrenta resistências diversas para suas atuações, tanto por parte da universidade, como nas comunidades. Mesmo assim, pode-se dizer que, as experiências vivenciadas serviram de estímulo para que os estudantes envolvidos continuassem a levar em frente esse projeto. É indiscutível que ainda existem muitos pontos a serem debatidos, e sobrepostos para o pleno desempenho de suas funções, contudo, é possível acreditar que trabalhos como esse podem, e devem, mudar a realidade das cidades.

É defendido, para a garantia do trabalho desse escritório modelo, o estabelecimento de um diálogo intermitente com a universidade, por meio da Pró-Reitoria de Extensão, bem como com da

Faculdade de Arquitetura da UFBA. A comunicação é colocada como elemento essencial para o fortalecimento de projetos que envolvam os estudantes e sejam estendidos para além das salas de aulas. Além disso, é preciso considerar que, os discentes devem desempenhar mais funções autônomas ao longo do curso, para que cheguem ao mercado de trabalho como profissionais independentes. É importante dizer aqui, que a independência defendida não exclui a interdisciplinaridade e a coletividade das ações a serem realizadas.

Diante das resistências apresentadas, em relação ao trabalho do Curiar, torna-se necessário pensar em novas linhas de atuação. Nesse ponto, é conveniente dizer que, apesar do escritório já manter uma linha de atuação no próprio ambiente acadêmico, e voltada para os demais usuários desse espaço, é preciso buscar novas formas de motivar os demais estudantes para participarem de suas ações. Nesse âmbito, já vem sendo realizadas reuniões entre os escritórios modelo, a nível regional e nacional, para trocar experiências e sugestões de atividades entre eles.

Em relação às comunidades, é preciso um cuidado extra para que as funções do escritório modelo não ultrapassem os limites da gestão democrática e horizontal. Ainda que seja estabelecido um vínculo com a comunidade, a ausência de uma organização mínima, por parte dos moradores, é um sério impedimento para a execução de suas demandas. Esse entrave visa garantir um processo participativo e autônomo, e assim sendo, assegurar que os projetos atendem às necessidades coletivas, e não individuais, da população.

A existência do Curiar, considerando a rotatividade de membros, e levando em conta que muitos de seus fundadores já não fazem mais parte desse projeto, deve-se ao fato de que existem muitas pessoas que acreditam na cidade como um direito de todos. Levando em conta os aspectos discutidos ao longo desse texto, como também esse ideal de cidade comum, é possível vislumbrar um caminho a ser seguido. Caminho esse que possibilita a construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

REFERÊNCIAS

- ARANTES, O. B. F.; MARICATO, E.; VAINER, C. B. *A cidade do pensamento único: desmanchando consensos*. 6ª ed. São Paulo: Vozes, 2011. 192 p.
- FEDERAÇÃO NACIONAL DOS ESTUDANTES DE ARQUITETURA E URBANISMO DO BRASIL. *POEMA – Projeto de Orientação à Escritórios Modelo de Arquitetura e Urbanismo*. Disponível em: <goo.gl/KkG3ky>. Acesso em: out. 2016.
- FERREIRA, A. B. H. *Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*. 6. ed. Curitiba: Positivo, 2010.
- FERRO, S. “Trabalhador Coletivo e Autonomia”. In: CONSTANTE, P; VILLAÇA, I. (Org.). *USINA: entre o projeto e o canteiro*. São Paulo: Edições Aurora, 2015, p. 21-30.
- JACQUES, P. B. *Estética da ginga: a arquitetura das favelas através da obra de Hélio Oiticica*. 1ª ed. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2001. 160 p.
- SILVA, C. F. *Viração: O comércio informal dos vendedores ambulantes*. In: RIZEK, C. S. (Org). *Saídas de Emergência: ganhar/perder a vida na periferia de São Paulo*. São Paulo: Boitempo, 2011, p. 57-73.